

IMIGRANTES ITALIANOS E JAPONESES EM NARRATIVAS DA AMAZÔNIA

ITALIAN AND JAPANESE IMMIGRANTS IN AMAZON NARRATIVES

Alessandra Conde da Silva*

RESUMO: A Amazônia brasileira recebeu, durante o Ciclo da Borracha, imigrantes em busca de trabalho e melhores condições de vida. Os estrangeiros não encontraram na região o Eldorado sonhado. Ao contrário, precisaram vencer “cardos e abrolhos” para comer na nova terra. Os “imigrados, humildes e pobres *pionieri*”, como descreve Alberto Rangel, concebidos como partícipes da totalidade ambiente, deixaram rastros na literatura da Amazônia, como pode ser visto no romance *Sementes do sol*, de Ademar Ayres do Amaral (2012) e em um conto de Marques de Carvalho, “Um como tantos”, de *Contos do Norte* (1907), narrativas que nos permitirão examinar a presença de imigrantes japoneses e italianos na região norte do país. Este artigo, como aporte teórico e crítico, seguiu os estudos de Batista (1976), Souza (2019), R. Bourneuf e R. Ouellett (1976), entre outros.

Palavras-chave: Literatura da Amazônia; Imigração japonesa e italiana; Marques de Carvalho; Ademar Ayres do Amaral.

ABSTRACT: During the Rubber Cycle, the Brazilian Amazon received immigrants in search of work and better living conditions. Foreigners did not find the El Dorado they dreamed of in the region. On the contrary, they had to overcome “thistles and weeds” to feed themselves in the new land. The “immigrants, humble and poor *pioneers*”, as Alberto Rangel describes, were conceived as participants in the environmental totality and left traces in Amazonian literature, as seen in the novel *Sementes do sol*, by Ademar Ayres do Amaral (2012) and in a short story by Marques de Carvalho, “Um como tantos”, from *Contos do Norte* (1907), consisting of narratives that allow us to examine the presence of Japanese and Italian immigrants in the northern region of Brazil. This article, making a theoretical and critical contribution, followed the studies of Batista (1976), Souza (2019), R. Bourneuf and R. Ouellett (1976), among others.

Keywords: Amazonian Literature; Japanese and Italian immigration; Marques de Carvalho; Ademar Ayres do Amaral.

* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professor aadjunta da Universidade Federal do Pará. Coordena o projeto “Ecos sefarditas: judeus na Amazônia” e o NESA (Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia).

1. O cadinho da imigração na Amazônia

O homem que vive na Amazônia “é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido”, diz Euclides da Cunha (1999, p. 1), em *À margem da História*, publicado em 1909. A condição de intruso gera uma contrapartida da natureza, possibilitando dupla visão sobre a região: paraíso e inferno. Cunha (1999, p. 1) concebeu a Amazônia como “a última página, ainda, a escrever-se, do Gênesis”, uma espécie de paraíso.

Contígua a essa imagem, está a visão infernal da Amazônia, presente no imaginário de viajantes e cronistas desde o século XVII e adotada também pela literatura. O título do livro de contos de Alberto Rangel, *Inferno verde*, de 1908, apresenta tal imagem. Trata-se da Amazônia selvagem, ciosa e senhora de si, incomodada com a presença do intruso, do estrangeiro. A esse tipo de Adão, expulso do paraíso, seguindo a concepção de Cunha, a terra se mostrará implacável. É para essa terra, alicerçada no mito do Eldorado e da terra da promessa, que acorreram sedentos estrangeiros espoliadores. Em *Última Tule*, Alfonso Reyes (1997) salienta que a imaginação do homem o fez sonhar com duas forças de atração da história: a força que atrai ao passado é a que leva ao mito da Idade do Ouro e a que o leva ao futuro é o mito da Terra Prometida.

No caso da Amazônia, o mito da Terra Prometida alia-se ao mito do Eldorado que, segundo Ana Pizarro (2012, p. 79), “[..] é a concretização do desejo de enriquecimento do europeu na América”. Se inicialmente, foram atraídos pela ideia de uma Amazônia, quer Terra Prometida, quer Eldorado, os vários grupos migrantes experienciaram outra visão do espaço amazônico: o inferno verde. O imaginário de que se serviram viajantes e naturalistas para descrever a terra amazônica oscilou, paradoxalmente, entre as imagens do inferno e do paraíso, conforme sentencia Paes Loureiro (1995, p. 56-57).

A terra fecunda, úmida e próspera atraiu um bom número de estrangeiros e de migrantes nordestinos que se espalharam pelo território amazônico, impondo novas culturas e novos costumes, aliciando outros homens e suas famílias à migração. Alguns deles guardaram saudades da pátria abandonada e

tentaram fazer da Amazônia o seu definitivo lar. Outros a trataram apenas como terra de passagem, de exploração.

Eles se instalaram em três geografias distintas, classificados por Djalma Batista (1976) como as três Amazônia: a das grandes capitais, a das cidades de interior e a das regiões mais isoladas como seringais e fazendas, por exemplo.

Diversificados foram os grupos étnicos que imigraram para a Amazônia, desde o século XIX. Judeus marroquinos, americanos, sírio-libaneses, espanhóis, barbadianos, japoneses e italianos fazem parte de uma lista de povos estrangeiros que contribuíram para a formação social, econômica e cultural da Amazônia.

Desde as primeiras décadas do século XIX, judeus marroquinos encontraram nas terras amazônicas um local de acolhimento. Eram fugitivos da fome, de pestes e de perseguições religiosas, em busca de um novo espaço com promessas de prosperidade. O mesmo ocorreu com os sírio-libaneses, no final do mesmo século. A guerra na região e a intolerância religiosa expulsaram os sírios que professavam a religião cristã. A Amazônia recebeu este grupo, os maronitas e, também, os de origem religiosa muçulmana atraídos pelo Ciclo da Borracha. Grupos de americanos, barbadianos e italianos, por exemplo, encontraram na Amazônia um espaço de trabalho e de moradia, segundo afirma Márcio Souza (2019, p. 193).

A ficção produzida por escritores da Amazônia serviu-se de temas e de personagens que aludem à imigração. A presença do estrangeiro, do imigrante judeu marroquino, pode ser vista em romances de Sultana Levy Rosenblatt (*Uma grande mancha de sol* - 1951); Dalcídio Jurandir (*Ribanceira* - 1978); Leão Pacífico Esaguy (*Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* - 1999); Paulo Jacob (*Um pedaço de lua caía na mata* - 1990); Iko Minev (*Onde estão as flores?* - 2014); Myriam Scotti (*Terra úmida* - 2021); Sandra Godinho (*Terra da promessa* - 2019); e Milton Hatoum (*Órfãos do Eldorado* - 2008).

Milton Hatoum e Paulo Jacob construíram histórias em que o imigrante sírio-libanês ganha protagonismo. Hatoum também refletiu brevemente sobre a presença da imigração japonesa na Amazônia, tal como Ilko Minev. Com efeito, em suas ficções, por exemplo, ecoam a tênue presença da imigração japonesa na região, como se vê em *Cinzas do Norte* (2012) e em *Na sombra do mundo perdido* (2018), assim como Ferreira de Castro referencia judeus e japoneses em *A selva* (1930). Ao mesmo tema, ocorre Antônio Cândido da Silva, em *Vila Amazônica: os Koutakusseis* (2012). Neste romance, italianos e judeus surgem como personagens menores, partícipes do cadinho amazônico. É como se um estrangeiro chamasse o outro.

Um pouco para o estrangeiro, um pouco para o migrante nordestino, a Amazônia acolheu a todos como força de trabalho. Por que vieram e o que fizeram esses imigrantes na Amazônia? Abdelmalek Sayad (1998, p. 54) define o “imigrante essencialmente [como] uma força de trabalho”, por isso a sua presença foi permitida em território brasileiro. Em *A selva*, o narrador diz: “No sul, sobretudo em S. Paulo, os japoneses haviam contribuído para um milagroso desenvolvimento, laborando a terra roxa e aumentando-lhe a riqueza quase virgem. [...] Contagiado pelo exemplo dos paulistanos, o governo do Amazonas resolvera-se, enfim, a oferecer o cadáver do gigante ao paciente braço nipônico” (Castro, 1972, p. 267).

Nas narrativas mencionadas, a terra amazônica acolheu com alteridade e empatia os estrangeiros, atraídos pelo trabalho e pela ideia de prosperidade que o Ciclo da Borracha ecoou. No entanto, o estrangeiro também recebeu o epíteto de explorador ou de ladrão, que talvez ultrapasse a ideia de xenofobia. Ama-se o estrangeiro, mas não as espertezas do estrangeiro. O perfil do imigrante que o romance de Abguar Bastos em *Terra de Icamiba* (1934) apresenta, por exemplo, é o de sanguessuga da terra. Ele não quer contribuir para o desenvolvimento da região, mas expropriá-la. A mesma denúncia faz o narrador de *Inferno verde*, de Alberto Rangel: o engenheiro foi para a Amazônia “buscar a fortuna para gozá-la entre os seus, no Sul” (Rangel, 2001, p. 156).

A esse tipo de explorador aventureiro a terra castigará: “Eu resisto à violência dos estupradores...” (Rangel, 2001, p. 168), diz a Terra amazônica, personificação da natureza. Castigo que também recairá sobre migrantes e imigrantes, cuja sina os levará a viver e a combater “cardos e abrolhos” produzidos pela terra, conforme a expressão bíblica metaforizada em Gênesis (3:18). São eles os “imigrados, humildes e pobres *pionieri*” (Rangel, 2001, p. 168), iludidos pela falsa ideia de que a Amazônia seria o Eldorado, que diversas narrativas evocam à memória.

Em *A selva*, o narrador retrata a época em que a borracha enriqueceu e escravizou a muitos, até que, por “mãos britânicas”, ela deixou de ser “ouro”: “Ferida pela emigrada, a borracha da Amazônia deixara de ser meio de elásticas fortunas, limitando a perspectiva das ambições. Era prata e não ouro o que se colocava agora no outro lado da balança” (Castro, 1972, p. 43). O monopólio brasileiro da borracha estava perdido. Os ingleses levaram mudas da seringueira e as plantaram no sudeste da Ásia, região propícia para o cultivo, tal qual na Amazônia. O regime extrativista seguido pelo seringalista brasileiro não acompanhou a concorrência capitalista asiática, que se tornou um mercado mais atrativo.

Sultana Levy Rosenblatt, na crônica “Brasil, terra da promessa”, do livro *Papéis*, retrata a ruína e a desilusão de muitos imigrantes:

Chegavam moços, carregando ilusões e idealismo, além de cultura, não só de judaísmo como geral... iam tentar a sorte numa clareira de floresta, e aí ficavam encravados. Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde hoje a civilização mal penetrou (Rosenblatt, 1999, p. 171).

Para alguns grupos estrangeiros, a dificuldade de viver na terra amazônica foi agravada pela guerra, como veremos na história de italianos e japoneses na Amazônia.

Na literatura da Amazônia ecos de estrangeiridade podem ser encontrados em temas ou marcados em personagens. Neste artigo, procuramos dar visibilidade às presenças italiana e japonesa em textos narrativos selecionados, de autoria de escritores amazônicos, como Marques de Carvalho e Ademar Ayres do

Amaral. Não queremos compará-los, mas perceber como o tema estrangeiridade na Amazônia, como chave de leitura, constituiu-se em narrativas da região, ainda que criadas por escritores de períodos diversos. Nas duas narrativas, personagens japoneses e italianos, residentes em geografias - em Amazônias - diferentes, marcam passagens singulares da história da imigração na Amazônia. O que elas têm em comum é o fato de deixarem um rastro de referências a estrangeiros em histórias que evocam o Ciclo da Borracha. Em razão disso, propomos, nos dois primeiros momentos, breves análises do conto “Um como tantos”, de Marques de Carvalho (1907) e do romance *Sementes do Sol*, de Ademar Ayres do Amaral (2012), considerando a ocorrência de personagens imigrantes, sobretudo italianos e japoneses, alguns deles decorativos.

Para tal fim, cumpre considerarmos o conceito de tema que será delineado mediante a contraposição ao conceito de motivo. Segundo Raymond Trousson,

o motivo, elemento não literário, mas delimitando algumas situações e atitudes fundamentais, é matéria da literatura. [...] O tema, cristalização e particularização de um motivo, é logo de início objeto literário, porque ele não existe senão a partir do momento em que o motivo se exprimiu numa obra, tornada ponto de partida de uma série de outras obras mais ou menos importantes, o ponto de partida de uma tradição literária (Trousson, 1988, p. 22).

A particularização ou individualização de um motivo, isto é, o tema, poderá ser constitutivo de uma tradição literária. O tema da estrangeiridade na Amazônia, elegido para este estudo, desdobra-se em diversas narrativas, como referenciamos nos exemplos anteriormente dados, o que nos leva a pensá-lo como elemento ordenador do texto. De acordo com Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, em *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura* (1982, p. 90), o tema é um “princípio organizador” do texto. Neste caso, “deverá chamar-se *tema* a tudo aquilo que é elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto” (Machado & Pageaux, 1982, p. 89). O elemento não literário, por exemplo, o motivo do estrangeiro, é tematizado de modo particular nas narrativas. Há desdobramentos organizacionais ou

ordenadores relevantes que surgem nesse processo de tematização. Citamos três ocorrências: a) a diversidade étnica de estrangeiros; b) a presença de personagens estrangeiros decorativos; c) a representação de tais estrangeiros como personagens tipo ou estereótipos.

Algumas dessas personagens desempenham apenas funções decorativas, conforme classificação de R. Bourneuf e R. Ouellett (1976), outras são de fato personagens principais. E é na função decorativa dos personagens que muitas vezes o tema da estrangeiridade na Amazônia aparece. O termo decorativo não deve ser tomado em perspectiva depreciativa. A personagem decorativa tem na narrativa a função de revelar “traço de cor local, ou um número indispensável à apresentação de uma cena em grupo” (Brait, 1985, 48). De acordo com R. Bourneuf e R. Ouellett, “pouco a pouco, a descrição provoca assim reacções em cadeia no interior da narrativa: a necessidade de escrever leva a introduzir tal personagem, a colocá-la em tal situação, a dar-lhe tal motivação” (Bourneuf; Ouellett, 1976, p. 157-158).

171

No romance *Terra de Icamiba*, de Abguar Bastos (1934), por exemplo, o narrador cataloga estrangeiros e suas atividades na Amazônia:

Desde a madrugada começa o tranzito dos trabalhadores. Turcos ambulantes, têque-têque no punho, caixa às costas, conduzem fazendas e quinquilharias. Peixeiros lusitanos, com taboleiros, e peixeiros nacionais, com carrinhos-de-mão, oferecem à freguesia o produto das pescas marítimas e lacustres. Italianos sapateiros trazem paús, sobre os ombros; nas extremidades crivam-se cabides curtos, onde oscilam sapatos, botas, chinelos, alpercatas, tamancos. Engraxates, também italianos, nas esquinas, alçam, a tira-colo, as caixas de serviço. Espanhóis agricultores empurram carros com verduras e frutas. Funileiros obesos sacódem os telécos. Japonezes itinerantes percorrem as habitações e mostram brinquedos, cortinas, ventarolas com faisões estampados, cintos com inscrições, bengalas dos colejos de Tokio. Russos soturnos compram ouro, prata e pedras preciosas. Franceses belgas oferecem roupas feitas, de linho ou de seda, tapetes, colchas, toalhas. Chins abrem as portas das tascas e engomam para os homens. Barbadianos britadores trabalham nas linhas dos bondes e barbadianas desnalgadas servem de amas ou vão aos mercados com as cestas nos braços e os chapelões na cabeça pichaim (Bastos, 1934, p. 23-24).

Turcos, portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, russos, franceses, chineses e barbadianos: Abguar Bastos (1937, p. 5) faz desfilar personagens que ajudam a tracejar “aspectos de uma região”, como se vê em *Certos* *Contexto* (ISSN 2358-9566)

Vitória, v. 2, n. 46, 2024

caminhos do mundo: romance do Acre. Nesse romance, judeus, turcos e holandeses fazem comércio em terras amazônicas. A propósito de tais tipos estrangeiros, Bastos imita-lhes a nacionalidade e a ocupação, como ele mesmo define: “Dos tipos nascem os personagens e estes tantos surgirão como incidentes de certas vidas ou como totalidade ambiente” (Bastos, 1937, p. 6).

Outras narrativas da literatura da Amazônia seguirão esse modelo e personagens estrangeiros surgirão no espaço amazônico. Em *A selva*, de Ferreira de Castro, por exemplo, o narrador sucumbe ao lugar-comum de referenciar a atração que a Amazônia exercia sobre o forasteiro (migrantes ou imigrantes), durante o Ciclo da Borracha: “Era, então, a Amazônia um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos” (Castro, 1972, p. 41).

A descrição do ambiente requer muitas vezes o ingresso de personagens-tipo ou de personagens estereotipados nas narrativas. Neste caso, personagens estrangeiros podem ganhar representação estereotipada, como podemos ver no conto “O baile do judeu”, de Inglês de Sousa, publicado em *Contos amazônicos* (1893). Nele, o “malvado judeu”, alguém que dizem ser adorador de uma “cabeça de cavalo” e “inimigo da Igreja” (Sousa, 2004, p. 103) resolve convidar os mais renomados da cidade para um baile, causando um incômodo na sociedade da qual faz parte.

E assim, em nome da “totalidade ambiente”, citada por Bastos (1937, p. 6), pululam rastros de estrangeiridade em narrativas da Amazônia, como se pode perceber em produções de Marques de Carvalho e Ademar Ayres do Amaral, escritores naturais do Pará. A produção do primeiro se insere no estilo naturalista. Para Alan Flor da Silva,

Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) e João Marques de Carvalho (1866-1910) foram escritores oitocentistas nascidos na província do Pará que receberam algum destaque nas histórias literárias canônicas, sendo todos vinculados ao movimento naturalista. Contudo, enquanto Inglês de Sousa e José Veríssimo saíram da região amazônica para obter projeção no campo literário em outras partes do território nacional, sobretudo no Rio de Janeiro, capital do país na época, Marques de

Carvalho se distingue por ter tentado construir uma carreira de jornalista e escritor na cidade de Belém do Pará. (2021, p. 500).

Marques de Carvalho tem vasta produção literária. Foi jornalista, diplomata e escritor. Silverio, imigrante italiano, casado com Luiza, uma compatriota, é a personagem principal de “Um como tantos”, de *Contos do Norte*, publicado em 1907. Nessa narrativa, há rastros da imigração italiana no Pará, sobretudo os de origem lombarda.

O outro escritor, Ademar Ayres do Amaral, formado em engenharia, nasceu em Óbidos, em 1948. Em *Sementes do sol* (2012), seu segundo romance, a história dos imigrantes japoneses na Amazônia ganha notoriedade em uma narrativa cujo protagonista é Tição, um caboclo negro, tentando ganhar a vida no interior do Pará.

A diáspora italiana para o Brasil foi de grande expressividade. Um número considerável de italianos estabeleceu-se na Amazônia, colaborando cultural e economicamente com a região. Ali, pintores, engenheiros, arquitetos e empresários da navegação e de outros ramos ganharam notoriedade. Mas um grupo de pessoas humildes – “sapateiros, ferreiros, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, mecânicos, agricultores” (Benchimol, 2009, p. 452) – exerceram nas capitais e nas cidades interioranas, sobretudo em Oriximiná, no Pará, o ofício que aprenderam em solo italiano. Samuel Benchimol (2009) destaca a importância de registrar a memória do povo italiano na Amazônia. A literatura representa também essa memória. Às vezes, tudo o que se encontra são laivos de lembranças, mas elas revelam partes significativas da história amazônica.

Em 1928, a primeira colônia agrícola japonesa, formada por 43 famílias, estabeleceu-se em Tomé-Açu, no Pará (Tsunoda, 1988). Outras levas imigratórias trouxeram mais japoneses à região paraense. Eles se dedicaram ao cultivo de pimenta-do-reino, hortaliças e frutas da região.

No Amazonas, a primeira colônia foi formada em 1929. Um ano depois, a Vila Amazônica foi fundada em Parintins. É essa cidade que receberá os *koutakusseis*, estudantes de agronomia enviados para a Amazônia, pela escola de imigração japonesa, e outros imigrantes, dedicados ao laborioso cultivo da

juta, que, no período da Segunda Guerra Mundial, trouxe grande desenvolvimento econômico à região, ultrapassada pela cultura sintética da fibra têxtil originária da Índia.

Em *Canção da Amazônia*, a escritora japonesa Fusako Tsunoda documenta, “em forma de uma narrativa romanceada” (Kassuga citado por Tsunoda, 1988, p. 7), a história das colônias japonesas no Pará e no Amazonas. Jorge Kassuga, tradutor de *Canção da Amazônia*, publicado em japonês no ano de 1965, e na língua portuguesa, em 1988, assegura que

a intenção da autora foi divulgar a história dessas colônias no Japão, realizando-a em forma de uma narrativa romanceada em torno da figura de um imigrante e sua família. Se completou alguns detalhes com a sua imaginação, nada inventou. Todos os personagens desta história são reais, e muitos deles estão ainda em plena atividade (Kassuga citado por Tsunoda, 1988, p. 7).

Tsunoda não permite a evaporação da história dos japoneses na Amazônia. Das memórias dos mais velhos, ela representa os dramas, as angústias e as conquistas de um povo que sonhou a Amazônia, como lugar de realizações econômicas. Em *Sementes do sol*, a memória da trajetória nipônica se preserva ainda que contígua aos destinos de outros sujeitos que também escreveram a história amazônica, como o italiano, o judeu, o português, o sírio-libanês, o quilombola, o nordestino e tantos outros indivíduos da terra.

Brigitte Thiérion evoca a memória de homens, mulheres e crianças, cujas histórias foram esquecidas ou silenciadas na hileia amazônica: “Quantos heróis, homens anônimos ou esquecidos, viveram, lutaram, e morreram nesta terra apresentada como um vazio demográfico ou como uma outra versão do deserto” (Thiérion, 2019, p. 15). No conto “Um como tantos”, de Marques de Carvalho, e no romance *Sementes do sol*, de Ayres do Amaral, um pouco dessa história é rememorada.

2. “Um como tantos” italianos

Marques de Carvalho, autor dos romances *O pajé* (1887) e *Hortência* (1888) também produziu poemas e contos. Escreveu os livros *Contos paraenses* (1889) e *Contos do norte* (1907). Neste está presente a narrativa “Um como tantos”, *Contexto* (ISSN 2358-9566) Vitória, v. 2, n. 46, 2024
<https://doi.org/10.47456/contexto.v2i46.46017>

cujo teor naturalista espraia-se pela narrativa, enquanto laivos da vida noturna urbana de Belém, durante a *Belle Époque*, podem ser percebidos. A cidade, à noite, necessita de trabalhadores simples para fazer funcionar a engrenagem dos clubes e cafés para os quais acorrem as gentes em busca de diversão ou de esquecimento das angústias diárias.

O imigrante italiano lança os olhos para os serviçais, àqueles a quem ele imagina pobres felizes, não porque sejam pobres, mas porque seriam o que ele não é – feliz. A Belém que o narrador descreve representa a “primeira Amazônia”, como pensada por Djalma Batista (1976, p. 85), ao considerar as “geografias humanas” da Amazônia. Foram para as capitais do Pará e do Amazonas que acorreram migrantes e imigrantes seduzidos pelo lucrativo comércio da borracha. Para essa “primeira Amazônia [...] converg[ira]m navios, aviões, visitantes e imigrantes, além das rendas e da produção de extensas áreas” (Batista, 1976, p. 85).

Silverio é um imigrante italiano da Lombardia. Ele vive às turras com a esposa, agravada pela presença dos ingratos sogros, também imigrantes, a quem acolheu em sua casa. Os filhos queridos amenizam os dissabores da vida de casado sem amor. Silverio é um observador. Sentado em um banco com os braços abertos, a modo de um “crucificado” (Carvalho, 1907, p. 53), ele observa a vida noturna belenense, lendo e remoendo, nos cartazes e nas pessoas que passam, a própria história de infelicidade. O narrador heterodiegético apadrinha Silverio, é-lhe simpático, descrevendo-o homem solidário aos infortúnios de uma conterrânea, com quem se casa por solidariedade, e, por conta disso, na impossibilidade de manter um matrimônio sem grandes exasperações, o imigrante italiano tornou-se um homem infeliz, como se vê no excerto abaixo:

Casado ha quatro annos, com uma compatriota, uma italiana, a quem aliás déra logar em seu leito por um impulso de generosidade, ante a extrema pobreza dos paes d'ella, a breve praso começou a verificar que disparidades capitaes de genios e educação os incompatibilisavam para a vida commum. Ao princípio, insignificantes arrufos chegaram a offerecerlhe um sabor novo na existencia: das pazes que se lhes seguiam vinha um renascimento de ternura, uma ineffavel delicia para a intimidade dos longos e mudos

amplexos. Illusorios aperitivos, taes amuos. A pouco e pouco avultaram, tomaram corpo, assumiram as proporções de graves pendencias barulhentas. A mulher tinha a bóssa da loquacidade desenvolvida; e, quando se enfurecia, eram interminaveis gritarias, que o esesperavam na razão directa do natural socegado e taciturno do infeliz (Carvalho, 1907, p. 53-54).

Silverio amava os filhos. No amor devotado às crianças, as recordações de uma época feliz, ao regaço paterno, e tudo o que viveu na Itália, com os pais, vinham-lhe à mente. Nos trópicos, todavia, enfeado pela tristeza e pelo calor do sol, ele mantém o casamento infeliz. Tudo foi um engano. O sonho da terra da promessa idealizada na Europa desfez-se. Acabrunhado em razão das acusações dos sogros e da esposa de desviar dinheiro para a Itália, Silverio deixa a casa, buscando, nas ruas de Belém, imagens de repouso.

É nesse ponto que a narrativa inicia, quando ele está caminhando e contemplando a gente local. O motivo de perambular de madrugada na capital paraense, o leitor intui parágrafos depois: foi a briga pelo suposto dinheiro enviado à Itália. Silverio compreende a vida por comparação. Ama como o pai o amou. Deseja uma família incentivado pelas imagens que os pais e os animais que pastoreava na Europa lhe proporcionaram:

Aquelles saudosos tempos estavam longe, formavam um grupo separado, distincto, na vasta collecção de suas recordações de outróra. Presentemente, nada restava da tranquillidade em que se formara a sua adolescencia, na Europa, nem dos esperançosos, dulcissimos sobresaltos que chegavam a tirar-lhe o somno, retendo-o até alta noite no sombrio tombadilho do vapor, quando fizera a travessia do Atlantico (Carvalho, 1907, p. 55-56).

O italiano acostumou-se a alimentar-se da “vasta collecção de suas recordações de outróra” (Carvalho, 1907, p. 56). Ao sair de casa, buscava novas imagens para assemelharem-se, ou não, à própria dor, imagens idealizadas de uma paz que não era sua companheira. O narrador finda a história, como começou: imaginando que outros homens, como o cocheiro e o criado do café Riche, seriam felizes por não terem um casamento conflituoso.

Enquanto inveja, ao lume do devaneio a que se lança, a despreocupação de um e a pacífica vida familiar do outro, conforta-se com um destilado e com uma “sentença”: “O alcool é a mortalha da dôr” (Carvalho, 1907, p. 56). Esse

imigrante italiano, na *Belle Époque* amazônica, pode sentar-se em um café noturno e matutar a sua dor, não agravada pela geografia em que se encontra, mas pelos desamores na terra encontrados.

Neste conto, um imigrante italiano nos trópicos padece a saudade da casa paterna e o casamento infeliz. É um tipo de mal casado e bom pai, um tipo que remói memórias de uma terra distante, memórias que a reterritorialização não pôde apagar.

3. Os japoneses e as *Sementes do sol*

O romance de Ademar Ayres do Amaral, *Sementes do sol*, publicado em 2012, conta histórias de homens e mulheres desbravadores da segunda e da terceira Amazônia, conforme a divisão de Djalma Batista (1976). Se o conto de Marques de Carvalho, ambientado na Amazônia, mostra a ascensão da capital paraense durante a *Belle Époque*, no romance de Ayres do Amaral aparece a geografia humana das cidades interioranas que gozam de certo desenvolvimento - “segunda Amazônia” (1976, p. 86) - e as localidades rurais “onde vivem os extrativistas, agricultores, pescadores e garimpeiros, isto é, os trabalhadores rurais em geral e suas numerosas famílias” - a “terceira Amazônia” (Batista, 1976, p. 88).

No romance de Ayres do Amaral, quilombolas, nordestinos, japoneses, italianos, libaneses, portugueses, todos têm o seu quinhão memorialístico, fazendo da Amazônia um cadinho de imigrantes. Tendo como pano de fundo a presença do imigrante japonês na Amazônia, a narrativa representa histórias de outros grupos étnicos.

A história da família de Tição, descendente de quilombolas, é narrada com antecipações (*flashforward*) e recuos narrativos (*flashback*). Neste percurso, o leitor é apresentado ao imigrante libanês, conhecido como Turco, um comerciante inescrupuloso, grande algoz de Tição, enquanto também há a preocupação, por parte de um narrador heterodiegético, de representar a presença japonesa na região, considerando o teor documental que o atravessa. O romance mistura ficção e História.

Tudo começa com um furto de sementes. O pai de Tição, Juvêncio, a mando do seringalista do Paraná do Sem Fim, neto de italianos, furta de um colono japonês sementes de juta. Seguem à tramoia explicações históricas e econômicas sobre as razões da imigração japonesa e do cultivo da juta em solo amazônico, após a “folia do látex” (Amaral, 2012, p. 28). Após a derrocada da exportação da borracha na Amazônia, em razão do comércio asiático, a juta ganha importância na região. De acordo com Márcio Souza,

os últimos grupos de migrantes estrangeiros a chegar na região foram os japoneses, que a partir de 1928 começaram a se instalar nos municípios de Monte Alegre, Marabá, Bragança e Conceição do Araguaia, estado do Pará. Até o final da década de 1930, quase quinhentas famílias aportaram na região, com o intuito de introduzir o cultivo da pimenta-do-reino e da juta, mas tiveram também um importante papel na introdução de novas variedades de plantas e hortaliças, além da difusão de técnicas avançadas de produção agrícola (Sousa, 2019, p. 193).

Reconhecida a importância da juta para a região, Juvêncio põe as mãos nas sementes, e, como aconteceu com muitos imigrantes japoneses que em solo amazônico aportaram desde 1931, aventura-se no seu cultivo ingrato. O narrador está consciente disso. Ele informa ao leitor sobre a saga dos Koutakuseis, nome dado aos imigrantes japoneses que precisaram fazer cursos preparatórios em uma escola que os ensinou a lidar com a terra amazônica e cujas ações previam o ensino da língua local, estudos da cultura amazônica e atividades agrícolas e de sustentabilidade para lidar com a floresta, conforme declara o narrador:

“A saga dos Koutakuseis, a luta de Kotaro Tuji para aclimatar a juta naquelas várzeas perdidas do município de Parintins, e o importante ciclo que essa cultura representou para a economia da Região Norte foram produtos de uma singular batalha humana, em que se mesclaram sacrifícios, lances de heroísmo e outros da mais pura sorte” (Amaral, 2012, p. 60).

Apesar da formação educacional que receberam antes da chegada, em solo amazônico, os imigrantes japoneses se depararam com uma triste realidade. As doenças tropicais, a distância dos grandes centros urbanos, que lhes possibilitariam maiores oportunidades de educação e saúde, e a dificuldade inicial de produção agrícola e sustentável contribuíram com a precariedade do

estabelecimento da colônia japonesa na região. Paralela à plantação da juta, muitos colonos lançaram-se ao cultivo de frutas e verduras, na tentativa de diversificar a produção para o consumo.

De igual forma, não apenas da semente dos japoneses vive o romance. Os que procuram por ela, o seringalista, o empregado Juvêncio e sua família, e os moradores da cidade de Óbidos, onde Tição passa parte da infância e juventude, são postos em narrativas que ecoam a cultura local. Algumas histórias desembocam no cômico, como se pode ver na narrativa de encaixe sobre “A bela do Nhamundá” e o judeu Absalão.

O romance entre os jovens não se realiza, pelo fato de o belo engenheiro ser judeu, revelando-se aqui ecos de antissemitismo que, vez por outra, se fazia ouvir nos interiores amazônicos. O malogro de um encontro entre os enamorados gerou na sociedade obidense falatórios contra a honra da moça, o que levou sua família a requerer do farmacêutico local, o português Ayres, um atestado de virgindade. Não perdendo a oportunidade de um bom chiste, um soldado do batalhão militar utilizou o mimeógrafo a álcool do quartel e reproduziu o seu próprio laudo, deixando o seu Ayres em uma saia justa, a ponto de exigir do comandante uma reparação. O laudo assim dizia:

Eu, José Cardoso Ayres, farmacêutico formado pela Faculdade de Farmácia de Coimbra, atesto e retesto, cá no meu fraco pensaire e salbo melhoire juízo, que, bendo, e rebendo as partes janitais e rabinais da senhorita Ariane, incuntrei três manchas ruxas que, se não são manchas de nascença, são três marretadas de picas (Amaral, 2012, p. 258).

Outras histórias são trágicas, sobretudo, as femininas. A cunhatã do Coronel do Sem fim é por ele estuprada desde a infância. Seu destino é a prostituição em Manaus, na casa de Dona Lola, ainda que antes acertasse, fatalmente, as contas com o patrão, ecoando, na tragédia vivida pela personagem Ambrozina, o destino de muitas meninas e moças amazônicas.

Além disso, o romance retrata amores e desamores, encontros e desencontros, como se o narrador soubesse de muitos mexericos locais, quer boatos chistosos, quer boatos trágicos. Simpático à cultura regional, o narrador

fornece ao leitor o modo de preparo de iguarias amazônicas, como o “Surubim a caldo grosso (Especialidade de Maria Foguenta)” (Amaral, 2012, p. 51), mãe de Tição, encaixando na história receitas de pratos típicos do Norte. De igual modo, ele revela como o imigrante japonês traduziu culturalmente a matemática pitagórica que deveria ser efetuada para a marcação da área de plantio.

Sementes do sol faz um tributo ao grupo étnico japonês e à sua participação no desenvolvimento agrícola e econômico da região Norte. Segundo Samuel Benchimol, “na agricultura os japoneses tiveram um importante papel na introdução de novas variedades de plantas e espécies, que foram adaptadas e melhoradas geneticamente” (Benchimol, (2009, p. 469).

Em um paratexto autobiográfico que antecede a narrativa do romance, “Um pequeno jital”, Ayres do Amaral relata que, embora tenha passado a infância próximo a Parintins, cidade que recebeu os Koutakusseis, no Amazonas, ele pouco sabia da história e das razões da imigração japonesa para as terras locais. Relembrando Cícero, diz: “Ai dos vencidos!” (Amaral, 2012, p. 8). É exatamente este lamento que se percebe nas páginas que tratam da situação dos imigrantes ligados ao Eixo (japoneses, alemães, italianos), na Amazônia, durante a Segunda Guerra Mundial.

O narrador referencia o campo de concentração japonês alocado na cidade de Tomé-Açu, no Pará, enfatizando que muitos japoneses se refugiaram nos confins da floresta para fugir da política getulista concentracionária. Seu José, o japonês que teve as sementes de juta roubadas, encontrou o mesmo destino, escondendo-se nas matas do Andirá: “como tantos outros que tomaram a mesma decisão foram vitimados por sucessivos ataques de malária e terminaram seus dias numa lista de desaparecidos” (Amaral, 2012, p. 136).

O mesmo temor que atingiu os japoneses apossou-se também do Coronel do Sem Fim. Este se embrenhou na floresta com medo de retaliações, pelo fato de descender de italianos. Segundo o narrador, “em Óbidos, lojas foram saqueadas. Houve também algumas escaramuças em forma de passeatas e de discursos nacionalistas, que costumavam ocorrer numa área livre da frente da

cidade, onde se concentrava o comércio da colônia italiana” (Amaral, 2012, p. 180).

Fusako Tsunoda, em *Canção da Amazônia*, narrativa sobre os japoneses da colônia do Acará, no Pará, relata que o governo brasileiro criou nessa colônia um “campo de internamento” (Tsunoda, 1988, p. 89). Muitos japoneses foram presos e levados para delegacias. Lá encontraram italianos. Segundo Tsunoda, “o povo, cego de ódio, invadia as casas de alemães, italianos e japoneses, para destruí-las e incendiá-las. E os japoneses, que, pelo seu aspecto físico, eram facilmente reconhecidos, foram as maiores vítimas” (Tsunoda, 1988, p. 86).

A guerra insuflou ânimos contra os imigrantes japoneses e italianos, conforme relata o romance. No caso do judeu, a rejeição sofrida teve amparo no preconceito religioso e não no étnico. De igual modo, o negro Tição é rejeitado pela prostituta Dagmar por ser pobre. Como arremate aos episódios trágicos e preconceituosos que Tição viveu, a roda da fortuna se movimenta e ele pode, por fim, acertar as contas com o destino. A mesma natureza que destruiu os sonhos de Juvêncio de plantar juta na Ilha do Urucurizal é a mesma que permite que tartarugas desovem na ilha. O caboclo, acostumado com as agruras e as intempéries da terra amazônica, não titubeou em recolhê-las e vendê-las para um marchante de Manaus.

Realiza-se no destino de Tição o vaticínio da Terra amazônica ecoada em *Inferno verde*, de Alberto Rangel, sobre a terra ser impiedosa para com o explorador? Com Juvêncio, a imprecação irmanou-se: “Contudo aqui se sofre, mas ainda se aguenta... (Rangel, 2001, p. 168). Juvêncio foi engolido pela natureza. Tição, no entanto, viveu a esperança de muitos imigrantes e migrantes que sonharam e definharam no caminho: “Tanta lágrima e tanto sofrimento são o apanágio do passageiro tempo, que antecede as vitórias...” (Rangel, 2001, p. 168). Algo que o *Inferno verde*, de Rangel, também previra. Diz o narrador de *Sementes do sol*: “Tição deu pinote no mundo e acabou seus dias como um abastado fazendeiro no Acre” (Amaral, 2012, p. 269).

Carece de investigações mais sólidas a ocorrência de temas e personagens estrangeiros na ficção produzida na Amazônia. Este artigo apenas pretende iniciar a discussão sobre as presenças italiana e japonesa. Se, em *Sementes do sol*, o produto da força de trabalho do imigrante japonês é o que rege a ambição dos homens, em “Um como tantos” de Marques de Carvalho, o italiano, como tantos outros homens, mostra laivos de hombridade. Não porque seja italiano, mas porque bom pai, em rememoração à imagem paterna apreendida na Itália.

A lembrança da terra abandonada diminui a dor sentida na terra adotada. Nessas narrativas, o tema da estrangeiridade na Amazônia atrela-se, muitas vezes, à presença de personagens decorativos, que servem à descrição da “totalidade ambiente” (Bastos, 1937, p. 6), quer nas metrópoles do Norte, quer nas cidades interioranas ou na hileia amazônica. Para além disso, há diversidade étnica de estrangeiros, assim como há representação de estrangeiros como personagens tipo ou estereótipos.

A diversidade amazônica atraiu a diversidade de povos estrangeiros e as narrativas da região ecoam esses laivos, conforme se viu nas narrativas mencionadas.

Referências

- AMARAL, Ademar Ayres. *Sementes do sol*. Belém: Ademar Ayres do Amaral, 2012.
- BASTOS, Abguar. *Terra de Icamiba: romance da Amazônia*. Rio de Janeiro: Adersen Editores, 1934.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Editora. Valer, 2009.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípios. Editora Ática, 1985.
- CASTRO, Ferreira de. *A selva*. São Paulo: Editora Verbo, 1972.

- FLOR DA SILVA, Alan Victor. Marques de Carvalho (1866-1910) e o naturalismo na Amazônia paraense. *Matraga*, v. 28, n. 54, p. 499-512, set./dez. 2021.
- MACHADO, Á. M., & PAGEAUX, D.-H. *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1982 (Signos, 36).
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura Amazônica*. Uma poética do imaginário. Belém, CEJUP, 1995.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- REYS, Alfonso. *Ultima Tule*. México: Imprenta Universitaria, 1942.
- ROSENBLATT, Sultana. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.
- SANTOS. Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio de Pierre Boudieu. Tradução de Cristina Murachio. São Paulo: Edusp, 1998.
- SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Edição preparada por Sylvia Perlingeiro Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- THIÉRION, Brigitte. Prefácio. In: SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- TROUSSON, R. *Temas e mitos: questões de método*. Tradução: Teresa Castro Rodrigues Lisboa: Horizonte, 1988.
- TSUNODA, Fusako. *Canção da Amazônia: uma saga na selva*. Tradução Jorge Kassuga. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.